

Gênero, Diferocracia...

MD Magno

Texto retirado de fala do autor em
11 novembro, na série de seus *SóPapos* 2017.

1. *Gênero* é pensamento velho – A sexualidade de cada um é sem gênero – Manifestações reacionárias atuais são Morfose Estacionária tendendo para mentalidade psicótica – A competência de Revirão dá chance a haver linguagem falada – Haver: desperdício enorme para uma pequena coisa brotar. 2. Na Diferocracia não há igualdade, e sim Direito à Diferença – Paradigma da Diferocracia: o soberano é a Diferença – A tecnologia (e não uma teoria) vence por ser prótese atuante.

1

• Nelma Medeiros – *Retomo o que você trouxe em 2015 e 2016 sobre o sexo sui generis, em que a questão de gênero¹ é recuada para antes ainda da performatividade cultural, para a consideração do Primário. Aí a situação é complexa, há que lidar com as formações autossomáticas e etossomáticas, com a não necessária associação entre elas, e com o fato de como isso também ocorre em outras espécies animais (e no humano é mais complexo ainda). São Fixões da Sexualidade – título de minha palestra no TecMen: Tecnologias da Mente (FACHA/RJ),*

¹ Na seção 25 do *SóPapo* 2015 (também disponível on-line com o título: *Questão de Gênero*), e nas seções 6, 9 e 15 do *SóPapo* 2016.

quarta-feira passada –, ou seja, são fixações que entram no jogo da expressão sexual de uma Pessoa. Assim, diante da complexidade de formações, não é só de gênero que se trataria, mas do Estilo de cada um, no sentido da singularidade?

Essa história de gênero não serve para muita coisa. Confunde mais do que esclarece. Basta pensar que as pessoas têm *defeitos* anatômicos. Achamos que são dois, mas elas têm vários. Portanto, não é preciso pensar em gênero para entendermos. Gênero só o alimentício. Se já foram para o lixo sujeito e objeto, agora também vai o gênero – estamos chegando ao século XXI.

• P – *A questão do gênero esteve na pauta esta semana. A vinda de Judith Butler para falar num evento em São Paulo causou tumulto por parte de grupos reacionários.*

Isto não impede que eu a ache um pouco fraca.

• Potiguara M. Silveira Jr. – *Até queimaram um boneco em forma de bruxa para execrar seu ativismo “maléfico” quanto ao gênero. Aliás, nem foi sobre gênero que ela veio falar, e sim sobre “os fins da democracia”. Quanto a isto, acho mesmo que estamos usando armas ineficazes ao denunciar o que está ocorrendo de reacionário aqui e no mundo. Na abertura do evento, Vladimir Safatle termina sua fala com um trecho das teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito da História” que me pareceu no mínimo ineficaz para endereçar a questão a contrario do que estava acontecendo. Cita ele: “O*

passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente”.

Estamos em plena regressão. Aguentem! Todos estão correndo para trás, e não adianta chiarmos. Essa fala de Safatle é coisa de Derrida, de cujo messianismo já falei aqui da outra vez. E Judith Butler até pensa ser lacaniana... Acho isso tudo muito velho. Penso que não vai colar por aí, isso já passou. Há que colocar outra coisa em pauta.

- P – *Para ela, gênero é performance cultural, diferentemente da anatomia. Qual é a diferença para com o que traz a Nova Psicanálise?*

A diferença é que não temos fronteira. O Primário, nesse sentido, já é afetado de diversas maneiras, e não apenas por dois sexos. As *ficções* do Artífício Espontâneo são as mais diversas. Como não somos animais, não quer dizer que iremos funcionar assim, pois o Secundário entra e faz uma bagunça. Faz até, às vezes, a pessoa optar por outra coisa. O que é uma bobagem,

pois se optar por outra coisa será um problema sério, uma trabalhadeira bem grande. O pessoal de herança supostamente lacaniana aposta demais no Secundário, como se não houvesse determinação alguma, determinação – agora usarei uma palavra difícil – *discursiva* alguma no próprio Primário. Por isso, digo que ninguém é do sexo de ninguém, em todos os sentidos. **A sexualidade de cada um, quando não é imposta por comportamentos delimitados secundariamente, é sem gênero.** Há que entender cada um como é. O bicho, este, nasce aproximadamente de dois sexos. Digo aproximadamente porque nem sempre nasce assim, há muitos outros “*defeitos*” além desses dois.

• P – *Se o gênero não é só performático, como entender o papel do Primário, do Autossoma e do Etossoma? O que o bicho já traz? Um trejeito?*

Traz coisa de computador. O quê, enquanto Autossoma, alguém traz ao nascer? O desenho que chamam de anatômico. Aí já começa a ficar esquisito. Basta estudar os casos para ver que há garotos com peru grande, com peru pequeno, com quase peru, meninas com xota fechada, aberta... São milhares os casos, quase parecidos. Este é o Autossoma. O Etossoma está *escrito* genética e epigeneticamente na criança. É *inscrição*, ou seja, é código, programa. Um dia, quem sabe, computadores poderão fazer o levantamento da programação genética e epigenética, tanto do ponto de vista do Autossoma quanto do Etossoma, de

uma criança ao nascer. Bebês pequenos já têm comportamentos diferentes um do outro. Há, portanto, uma programação. Só que esta espécie tem um programa muito esquisito, muito doido, que é sua competência de *não*, sua competência de revirar. Suponho que, além desta competência, houve crescimento cerebral, muita coisa, mas o que importa é existir a competência da reversão, que é aquela que dá chance a haver linguagem falada. Isto porque a linguagem é, sobretudo, dependente de *sim* e *não*. Os demais animais só têm *sim*, o discurso deles é aquele e não outro. Eles não reviram. A entrada do *não* é o que chamo Revirão, que está constituído cerebralmente. Os cientistas que procurem achar onde. Já é uma vantagem terem achado os neurônios-espelho. Portanto, a competência de reviramento – é claro que junto com todo o resto: um cérebro avantajado, etc. – permite à pessoa cair nas linguagens. Se não houver *sim* e *não*, repito, não haverá linguagem, mas apenas um código fechado.

Observem que a criança nasce num lugar, começa a colar nas funções primárias, nas secundárias, que estão disponíveis como neo-etológicas, isto é, culturais. Ela vai embarcar nelas. Isso cola de tal modo que vai bater no queixo, em nossa dificuldade de falar uma língua estrangeira, pois a máscara facial é outra. Que tipo de exercício fizemos com nossa anatomia? O mais difícil para falar parecido com o estrangeiro é aprender sua máscara. A máscara gruda em nosso corpo por termos feito ginástica de tal modo, e ela ficará assim. Há

peças com habilidade de rapidamente colocar a máscara da outra língua. Crianças bilíngues mudam de máscara no ato de falarem com o pai francês ou com a mãe brasileira, por exemplo. Isto porque as duas máscaras foram montadas ao mesmo tempo. Vejam, pois, que há aí um cruzamento em que o Secundário, ao funcionar, é mesmo capaz de viciar o Primário, e vice-versa. Por isso, não quero saber de sujeito, objeto ou gênero. São imposições culturais inventadas num certo dia, num certo século, por certas pessoas. Se passarmos a borracha nisso, o que teremos são zilhões de formações. Então como, no futuro, se fará, no computador, o levantamento de todas as formações visíveis de uma pessoa? Há algumas que são invisíveis.

- P – *Então, o bebê já nasce com comportamentos inscritos?*

O comportamento, o Etossoma, está inscrito no bebê, mas ele tem abertura. Chama-se: neotenia. Lacan se utiliza disto como argumento para falar do *estádio do espelho*, mas ele não sabia o que era. Para mim, a criança teria esse “*defeito*” – que chamo de Revirão. Ela é prematura. Para nascer como outro animal que, em poucos dias, já anda, precisaria ficar quase dois anos no útero da mãe. Lacan atribuía a abertura do programa ao fato de ser prematura, mas acho que o fato de ser prematura é um dos ingredientes do crescimento da espécie. O que ela porta é o processo do Revirão. Para organizar isso, tentei uma ordem

com: Primário (com Autossoma e Etossoma), Secundário, e Originário (a maquininha que permite que fique revirando).

- P – *Por outro lado, é como se essas manifestações regressivas que vemos ocorrer quisessem manter a espécie humana do jeito que está. Isto, sem considerar as modificações do Primário que você encarece no sentido de viabilizar o vigor do Quarto Império.*

Primeiramente, esses aí são trogloditas (que não fazem a menor falta apesar do estardalhaço que aprontam). Eles se fecharam para sempre, não por serem maus, e sim por serem estúpidos, por não conseguirem mover nada. Aquilo virou uma Morfose Estacionária radical com forte tendência para a Regressiva, ou seja, para a mentalidade psicótica. São absolutamente rigorosos, aliás. Eles estão com medo e fazem como as tribos primitivas ao se depararem com alguma nova tecnologia: inventam deuses. Ou seja, diante de um pensamento novo, de uma mentalidade nova, têm que reduzir ao tamanho deles para não ficarem o tempo todo angustiados. Aí queimam bruxas na fogueira. Mas é pior do que o que você está dizendo, pois o que querem é manter a espécie humana do jeito que *era*. Eles quebrarão a cara porque *a espécie humana vai acabar*. Se o sol acabar, quanto mais nós. O mecanismo da Morfose Estacionária é tentar regular qualquer entrada de formações que desloquem sua posição paralisada. A análise é algo difícil por sabermos, desde Freud, que a resistência é enorme, mas tem

uma grande aparência de segurança. As pessoas morrem de medo de mudar, pois, se o fizerem, parece que o mundo acabará. Aí, buscam permanecer paralisados em algo (o que fazem muito mal, aliás) que lhes dá a impressão de estarem seguras. É um mundo que não muda de lugar. Se, ao contrário, deixassem solto, fariam análise em três semanas. De vez em quando, nos deparamos com pessoas que têm talento para serem analisadas, que não têm tanto cagaço, e o trabalho vai rápido.

Há que fazer a leitura da gradação dos processos. Vejam, por exemplo, a quantidade de garotos por aí andando e olhando para seus aparelhos móveis. São pessoas que passaram a usá-los, a modifica-los, e foram afetadas por eles – mas jamais produziram aquilo. Foi uma pessoa em algum lugar, que, por ser solta e genial colocou aquilo no mundo. Há, pois, uma enorme riqueza de processos – que vai da moda ao avião –, com as pessoas vivendo uma civilização que não é delas. São apenas usuárias. Isto faz diferença, pois a situação fica culturalmente capaz de assimilar os produtos da tecnologia como uso, mas as pessoas não são capazes de colocar esses produtos no mundo. Ou seja, o mundo fica mais civilizado, e as pessoas utilizam um monte de coisas que são benesses de outras pessoas. Por isso, reagem quando se quer dar um passinho à frente, acham que não mais reconhecerão o mundo. É preciso ter claro que, como já disse, a humanidade é igual a espermatozoide, só um chega lá, o resto vai para o lixo. O Haver, aliás, me parece ser assim: um

desperdício enorme para uma pequena coisa brotar. O resto está no jogo, mas é figuração, é como que um suporte. A ideia do “gênio” é besteira, pois a pessoa é apenas uma antena solta. O pessoal que é Estacionário está antenado nela. Ou seja, o funcionamento de cada um é uma porcaria, mas o total não é, está antenado, pega a sobra. McLuhan citava Ezra Pound sobre o poeta ser antena da raça. Os demais figurantes só lá estão para o filme ficar pronto.

- P – *É o caso de Alan Turing que, mediante um texto seminal de apenas trinta e seis páginas, vem formatar o mundo que vivemos hoje. Isto, após a construção do Eniac pelos norte-americanos, da evolução que ocorre da IBM à Microsoft, à Apple, e da passagem de ênfase do hard para o software...*

Sempre foi assim. A pessoa que inventou o machado de pedra na pré-história, inventou-o mediante todo mundo. A pessoa não é gênio, é apenas um pobre coitado em cuja cabeça caiu um raio. Ele é, como já lhes disse, *vítima*. Já notaram que ela está a serviço dos outros? Turing, por exemplo, que foi massacrado. A invenção surge sobre alguém, a reação externa pode ser violenta, mas passa o tempo e o texto vence. Vence por desgaste dos outros discursos. Foi o que aconteceu a Espinosa e a outros. Isto é simplesmente o jogo da coisa, é assim que funciona, não há mérito ou demérito, e sim acontecimento.

2

O sexo masculino foi uma referência pregnante e paralisante durante muito tempo por motivos de valoração da reprodução. Mas o Primário desliza sozinho – não é preciso recorrer ao Secundário para deslizar –, tem um peso muito grande e, ao entrar na chamada cultura, no Secundário, como chamamos, funciona como uma Morfose Estacionária. Aí, a pessoa fica presa no desenho morfótico que sua sociedade lhe impõe. Ela fica numa situação horrível, pois como ficará supostamente igual às outras? E as outras todas iguais estão fingindo que são iguais.

Digo agora algo que não deveria dizer: o conceito de *igualdade* é que estraga tudo. Não há igualdade, tudo é diferente. Ao dizer que acho Butler ainda um pouco boba, é por ela lutar, como está dito em seu livro, pela igualdade entre os sexos. O conceito de igualdade precisa ser derrubado. Se podemos pensar em equi-valência, em valor igual, em direitos quase iguais, isto não é igualdade. Minha sugestão de **Diferocracia** entra aí. Democracia não existe em lugar algum, pois quem ganha é a maioria, que pode ser 50% mais 1. O que fazer com os 49% restantes? Não penso segundo democracia alguma, tenho pensamento aristocrático. E se é para termos uma sociedade mais funcional, é preciso, sim, haver direitos iguais – para os Diferentes. O primeiro direito no Código é: o direito à

Diferença. E mais, o paradigma da Diferocracia é: o soberano é a Diferença. Tentem, pois, articular a ideia de *soberano* – do ponto de vista político, filosófico, sociológico, o que for – com a ideia de Diferença. Ou seja, se a meta é uma Diferocracia, o soberano é a Diferença. A democracia é *fake* ao dizer que o soberano é o povo, pois o que nela há são oligarquias plutocráticas. No Brasil, a atual operação Lava-jato já provou que o que temos são oligarquias boçais e plutocráticas. As eleições são uma grande farsa, pois só chegam a se candidatar aqueles que conseguem passar na peneira.

Pessoas como Safatle, Butler, etc., estão lá atrás sem conseguir andar para a frente. São cheias de palavrório, daquela coisa acadêmica, chata, que já acabou. A garotada de hoje não quer saber disso, pois tem computador e o diabo para usar. Entretanto, é esse pessoal que está querendo tomar o poder. Não quer dizer que não o tomem, mas, ainda que após um século, quebrarão a cara, pois não dá para estancar a tecnologia. Qualquer telefonezinho desse de bolso subverte a ordem. Quem, há bastante tempo, tem razão quanto a isso é McLuhan: *o meio é a mensagem*. Não é uma teoria que vence, e sim a engenhoca. Ela ganha todas as paradas por ser uma prótese atuante e poderosa. Basta imaginar que a pré-história não tinha uma caneca como esta que tenho na mão – é um artifício genial. Estamos acostumados a viver com as extensões do corpo, como chamava McLuhan. Esse pessoal intelectual me irrita por ter a

cabeça formatada por Hegel, Marx, e por um suposto Lacan hegeliano-kojéviano. Temos que entender que Lacan, antes de morrer, teve tempo para jogar tudo isso no lixo.